

ATIVISMO POLÍTICO PENTECOSTAL NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2022

INSTITUTO FEDERAL
Rio Grande do Sul
Campus Bento Gonçalves

Bianca Elizabeth Suthoff Lunkes, Janine Bendorovicz Trevisan*



Introdução

A constituição brasileira garante a laicidade do estado no momento em que a liberdade religiosa é respeitada, não obrigando o país a ter uma religião oficial. A partir da Assembleia Constituinte de 1986, os evangélicos pentecostais passaram a ocupar cargos públicos com a justificativa de que “urgiu defender seus interesses institucionais e seus valores morais contra seus adversários católicos, homossexuais, “macumbeiros” e feministas na elaboração da carta magna” (MARIANO, 2011). Com isso, o legislativo brasileiro passou a contar com um crescimento progressivo de evangélicos pentecostais que justificam tal atuação como uma missão divina de representação dos fiéis. As reivindicações desse grupo mobilizam os candidatos presidenciais, na medida em que o voto evangélico tem se mostrado relevante nas urnas desde a primeira eleição presidencial direta após a redemocratização do país. Muitos estudos (Mariano e Girardi, 2019; Freston, 1993; Bandini, 2004; Oro e Mariano, 2010; Tadvald, 2010, entre outros) que todos os presidentes eleitos desde 1989 tiveram o apoio da maioria do segmento evangélico e de lideranças religiosas.

Visto isso, a presente pesquisa busca compreender a relação entre religião e política no cenário político nacional atual, mapeando as propostas de campanha dos dois principais candidatos à presidência da República direcionadas ao público evangélico. Além disso, buscamos observar os acordos estabelecidos entre os candidatos e lideranças evangélicas e, por fim, visualizar a efetividade da laicidade do Estado Brasileiro sobre tal cenário de interesses políticos.

Metodologia

caráter qualitativo e documental, com abordagem exploratória

Revisão bibliográfica

Buscas em sites de veículos de comunicação oficial e redes sociais

Análise de declarações públicas

Mapeamento dos acordos estabelecidos entre os candidatos e os líderes evangélicos

Análise de propaganda eleitoral e debates entre candidatos

Resultados

Voto dos brasileiros no geral

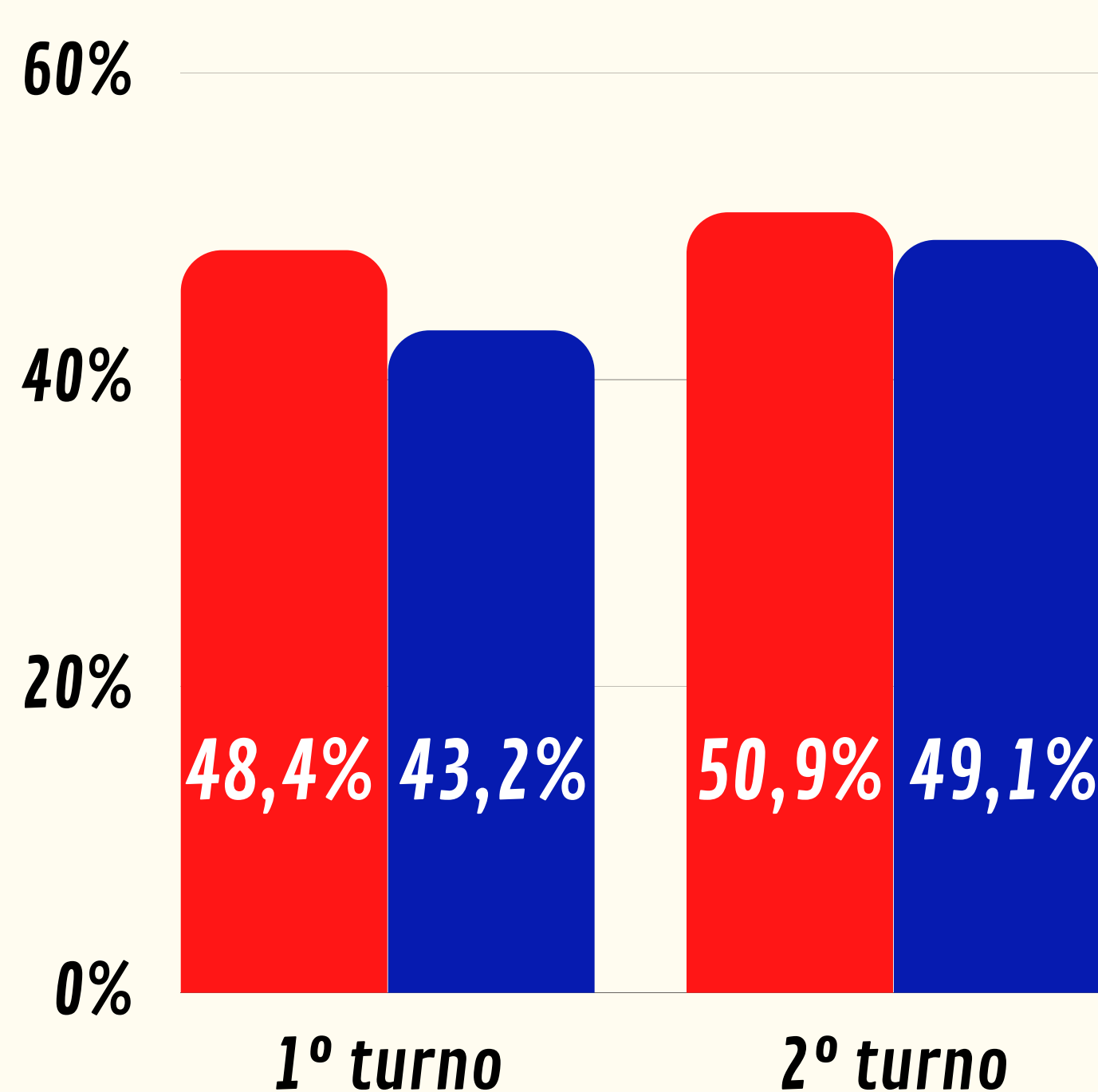


Gráfico 1: porcentagem de votos válidos para cada candidato em ambos os turnos. Fonte: Tribunal Superior Eleitoral (TSE)

Intenção de voto dos evangélicos

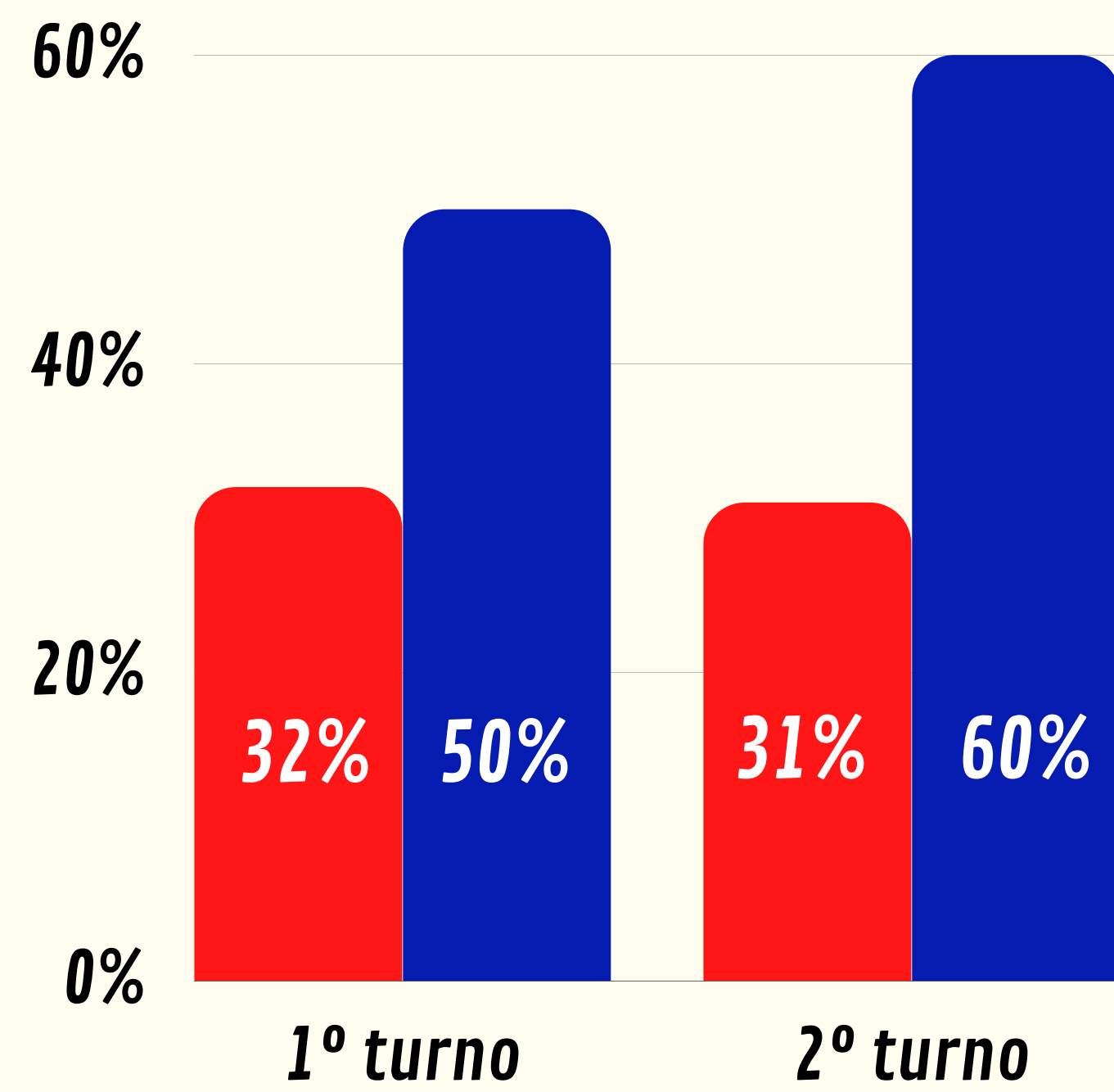


Gráfico 2: porcentagem de intenção de votos dos evangélicos para cada candidato em ambos os turnos. Fonte: Datafolha- 22/09 e CEBRAP- 29/09

Legenda dos gráficos:



Bolsonaro (PL)



Lula (PT)

Imagem Bolsonaro: Foto de Marcelo Camargo/Agência Brasil/ND

Fonte imagem Lula: <https://lula.com.br/download/foto-oficial-do-lula/>

Lula e Bolsonaro adotaram, nessa campanha eleitoral, inúmeras estratégias para se aproximar do público evangélico. Em suas falas, ambos reiteram valores cristãos, como a família e a soberania de Deus.

Bolsonaro diz repudiar o aborto e trata com descaso causas QUEER e homoafetivas. Além do mais, Bolsonaro afirma ser contra a “ideologia de gênero” e a liberação das drogas. Seu discurso principal ainda gira em torno do slogan da campanha passada “Deus, pátria e família”. Tal posicionamento tende a aproximar a maioria dos evangélicos dele, pois faz com que os fiéis conservadores se sintam moralmente representados pela figura de Bolsonaro. Além disso, o ex-presidente permaneceu com alianças com os líderes religiosos:

- Silas Malafaia- pastor e fundador da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo.
- Edir Macedo- líder e fundador da Igreja Universal do Reino de Deus e dono da emissora de televisão Record.

Lula buscou o voto evangélico de outra maneira, focando seu discurso na economia, com o objetivo de conseguir maior apoio, principalmente, dos fiéis marginalizados. O candidato petista também reforçou muito que em 2003 sancionou a lei que garantiu personalidade jurídica às organizações religiosas, e que oficializou o Dia Nacional da Marcha para Jesus como forma de mostrar aos evangélicos que suas demandas foram levadas em consideração em seus mandatos. Por Lula estar abaixo de Bolsonaro na intenção de voto desse grupo ele:

- Redigiu uma carta de compromisso ao povo de Deus, apelando ao voto dos fiéis;
- Fez material de campanha impresso em forma de panfleto específico para o público evangélico;
- Criou perfis no Instagram direcionados ao público evangélico;

CARTA COMPROMISSO COM OS EVANGÉLICOS



Meus Amigos e Minhas Amigas, nesta reta final do segundo turno, decidi escrever esta Carta Pública ao Povo Evangélico.

A grande maioria dos brasileiros e brasileiras que viveram os oito anos em que fui Presidente da República, sabe que mantive o mais absoluto respeito pelas liberdades coletivas e individuais, particularmente pela Liberdade Religiosa.

Como todos devem se lembrar, no período de meu governo, tivemos a honra de assinar leis e decretos que reforçaram a plena liberdade religiosa. Destaco a Reforma do Código Civil assegurando a Liberdade Religiosa no Brasil, o Decreto que criou o dia dedicado à Marcha para Jesus e ainda o Dia Nacional dos Evangélicos.

Mantenho o mesmo respeito e o mesmo compromisso que me motivou a apoiar essas conquistas do povo evangélico.

E o nosso Povo sabe também que cuidei, com especial carinho, dos mais pobres e injustiçados e assim, sob as Bênçãos de Deus, meu governo contribuiu para melhorar a vida de milhões de famílias brasileiras. Sempre penso, neste

Imagem 1: Trecho da “Carta Compromisso com os Evangélicos”. Post do perfil oficial de Lula no Instagram, 19/10/2022.

Considerações Finais

Nota-se a grande disputa, por parte dos dois principais candidatos, pelo apoio e voto do público evangélico. Cada um deles destina parte considerável dos seus discursos e da sua campanha para os fiéis, que muitas vezes acabam por escolher seu candidato baseando-se na religiosidade do possível representante e não em propostas relacionadas à educação, saúde, economia ou segurança pública, por exemplo. Assim, Lula e Bolsonaro utilizam da fé de parte da população para conseguir eleitores. Tal prática acaba por ser contraditória à neutralidade religiosa do Estado Brasileiro, visto que o futuro presidente da nação, que abrange dezenas de religiões distintas, foca a atenção em apenas uma delas. Ademais, essa eleição foi histórica, tendo o primeiro presidente eleito sem o apoio da maioria dos evangélicos e de lideranças religiosas. Ainda assim, tal eleitorado não pode ser desprezado, visto que foi ele quem, em grande escala, contribuiu para que essa eleição fosse tão acirrada. Desta forma, as análises aqui feitas podem auxiliar a compreensão dos resultados das eleições presidenciais de 2022. Por fim, a realização dessa pesquisa vem contribuindo consideravelmente com o debate sobre a influência dessa esfera de poder cristã na sociedade e a laicidade da nação.

Referências:

- BANDINI, Claudirene Aparecida de Paula. A participação política dos pentecostais nas eleições de 2002. Dissertação de Mestrado, UFSCAR, 2004
- FRESTON, Paul. Protestantes e política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment. Tese de Doutorado em Sociologia. Departamento de Ciências Sociais no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Campinas, 1993.
- MARIANO, Ricardo e GIRARDI, Dirceu André. Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. Revista USP. São Paulo, 2019.
- ORO, Ari; MARIANO, Ricardo. Eleições 2010: religião e política no Rio Grande do Sul. Debates do NER. Porto Alegre, ano 10, n. 16, pp. 9-34, 2010.
- TADVALD, Marcelo. Eleitos de Deus e pelo povo. Os evangélicos e as eleições federais de 2010. In: Debates do NER, Porto Alegre, ano 11, nº 18, p. 83109, jul-dez.2010.